

- **FAB faz reuniões com a SAAB e Boeing sobre projetos da Embraer***
- **Nota da Marinha: Transferência das Seções do Submarino Riachuelo***
- **Balas suíças para o Brasil***
- **Reforma dos T-54/T-55 vietnamitas exclui troca do canhão**

FAB faz reuniões com a SAAB e Boeing sobre projetos da Embraer*

Perto do final de semana a Força Aérea Brasileira (FAB) fez duas reuniões com as fabricantes Saab, Boeing e Embraer para esclarecer melhor o futuro dos projetos de defesa da Embraer, caso a fabricante americana compre parte da empresa.

A primeira reunião foi realizada na quinta-feira (11/01) com representantes da Saab, a pauta da FAB foi sobre a compra de parte da Embraer pela Boeing. De acordo com uma publicação da Revista Época, a informação vazada sobre a Saab é sobre a indignação da empresa sobre as negociações da Boeing com a Embraer, isso porque a fabricante brasileira está dentro do projeto do Gripen NG, com transferência tecnológica para o

Brasil. Com a compra de parte da Embraer pela Boeing, essa transferência poderia acabar na mão dos americanos.

A Saab também está preocupada com o futuro do programa Gripen NG, visto que a Boeing poderia não ter interesse em prosseguir com a linha de montagem da aeronave no Brasil.

Já a outra reunião foi realizada no final da última sexta-feira (12/01) também em Brasília, entre representantes da Boeing e FAB, além do Ministro da Defesa Raul Jungmann.

A diretoria da Boeing compareceu em peso nessa reunião no gabinete do ministro Raul Jungmann. O Chief Financial Officer (CFO) da Boeing, Greg Sullivan; O Vice-Presidente de cooperação estratégica da Boeing, Ray Conner; O Vice- Presidente de desempenho empresarial e estratégico, Travis Sullivan; E até mesmo o Presidente da Boeing para a América Latina, Donna Hrinak, estavam entre os presentes.

A FAB também estava presente nessa reunião com uma grande representação estratégica.

O ministro afirmou depois da reunião que mantém uma boa perspectiva sobre uma possível colaboração da Boeing com a Embraer no setor militar, mas que o controle acionário da companhia não pode ser drasticamente modificado. Do mesmo modo os produtos militares da Embraer não serão autorizados a se tornar “produtos Boeing”.

Fonte: Aeroflap

Data da publicação: 14 de janeiro

Link: <http://www.aeroflap.com.br/fab-faz-reunioes-com-saab-e-boeing-sobre-projetos-da-embraer/>

Nota da Marinha: Transferência das Seções do Submarino Riachuelo*

A Marinha do Brasil (MB) e a empresa Itaguaí Construções Navais (ICN) transferiram, neste final de semana, para o Estaleiro de Construção, na Ilha da Madeira, no Complexo Naval de Itaguaí, três seções unidas do S40 Riachuelo, o primeiro submarino convencional do Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB). O programa prevê outras três unidades convencionais e o primeiro submarino brasileiro com propulsão nuclear.

O trajeto, de cerca de cinco quilômetros, foi percorrido em 11 horas, começando na Unidade de Fabricação de Estruturas Metálicas (UFEM), que também fica em Itaguaí. A operação logística exigiu um planejamento de meses e incluiu a retirada de trechos da rede elétrica.

Neste domingo, ocorreu a etapa mais complexa da operação, com interrupções pontuais do tráfego na BR-493, para dar passagem ao veículo especial (prancha móvel) de 320 rodas que transportou as 619 toneladas das três seções, com 39,86 metros de comprimento e 12,30 metros de altura.

As duas seções restantes do Riachuelo, pesando 487 toneladas e medindo 30 metros, serão, em breve, transferidas, separadamente, para o Estaleiro de Construção, onde o submarino entrará em montagem final, a fim de ser lançado ao mar no segundo semestre de 2018.

Fonte: Poder Naval

Data da publicação: 14 de janeiro

Link: <http://www.naval.com.br/blog/2018/01/14/nota-da-marinha-transferencia-das-secoes-do-submarino-riachuelo/>

Balas suíças para o Brasil*

O fabricante suíço de armamentos RUAG, com apoio do governo suíço, tem um projeto de construção de uma fábrica no Nordeste do Brasil.

*Jean-Jacques Fontaine
Rio de Janeiro
publicado no jornal La Liberté, Suíça
11 Jan 2018*

A RUAG, fabricante de armamentos de propriedade a 100% da Confederação Suíça, vai construir uma fábrica de munições de pequeno calibre no Brasil. Essas balas vão equipar as armas leves do Exército e da polícia brasileiras.

RUAG Ammotec, subsidiária do grupo que produz munições de pequeno calibre, será encarregada da construção. Ela emprega 2.218 funcionários em 13 países com faturamento de 385 milhões de francos em 2016, representando 20% do volume de negócios total da holding RUAG, que chega a 1,858 bilhão de francos.

Os negócios do grupo suíço no Brasil ficaram rapidamente mais claros. Em 5 de setembro de 2017, após nove meses de debates intensos no Congresso em Brasília, as autoridades brasileiras decidiram abrir o setor de fabricação de armas à concorrência estrangeira. Essa decisão quebrou assim um monopólio de 90 anos detido pela TAURUS, uma empresa 100% brasileira. A justificativa do governo: é necessário melhorar a qualidade das armas que equipam as forças armadas e a polícia, e baixar também os seus custos.

Grande investimento

Em 12 de setembro, a RUAG obteve a primeira autorização para uma empresa estrangeira de operar no país. Ela vai construir uma fábrica de balas de pequeno calibre: o modelo 9x19 mm, assim como p .40 S&W, que são munições usadas em particular pelas forças norte-americanas. A fábrica deverá ser construída em Pernambuco, estado de onde se origina o ministro brasileiro da Defesa, Raul Jungmann.

A RUAG pretende investir 140 milhões de francos nesse projeto. Um montante que a direção do grupo não confirma (ler quadro abaixo). Outros especialistas do setor de armamentos queriam imitar a empresa suíça: a austríaca Glock e a tcheca CZ também apresentaram ofertas.

Segundo Maria Vasconcelos, diretora da filial brasileira da RUAG, "a empresa quer propor uma nova opção ao Brasil, pois o monopólio atual prejudica o treinamento das tropas de segurança e o controle de qualidade das munições em circulação."

O lobby dos defensores do porte de armas aplaude com as duas mãos "essa abertura que vai levar, ao mesmo tempo, a uma redução bem-vinda dos preços das munições para as armas que equipam os civis". Ele luta no Congresso pela abolição do estatuto do desarmamento adotado em 2003. É por isso que os defensores do desarmamento temem essa nova diretriz governamental.

O sociólogo Ignácio Cano, professor do Laboratório de Análise da Violência da UERJ, faz parte dele. "A concorrência diminuiria os preços. Se isso é positivo para o mercado, não o é necessariamente para a segurança pública". Vale lembrar o número elevado de mortes violentas por ano no Brasil: 61.619 em 2016, um acréscimo de 3,8% em relação aos números de 2015, o que corresponde a uma taxa de mortalidade de 29,9 por 100 mil habitantes. É a 11ª taxa mais elevada mais elevada no mundo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), ela supera a média mundial de 6,7 homicídios por 100 mil habitantes.

O Brasil não é o único país no qual a RUAG opera. Se o Exército suíço continua sendo o maior cliente dessa empresa estatal intrinsecamente vinculada ao Ministério suíço da Defesa (VBS, na sigla em alemão), ele só representa pouco mais de um terço das receitas da holding.

É, portanto, principalmente fora das fronteiras helvéticas que a RUAG mais se desenvolveu nos últimos anos. Ela está presente em 14 países. No final de 2016 abriu, com toda discrição, uma filial nos Emirados Árabes Unidos, apesar do envolvimento desse país na guerra do Iêmen. A empresa pretende desenvolver a partir dessa subsidiária suas atividades no Oriente Médio.

Proximidade inconveniente

Ainda assim, a proximidade do Estado suíço com a RUAG - cujas atividades se estendem a países considerados "críticos" - incomoda. Há uma dezena de anos, o Grupo por uma Suíça sem Exército (GSsA) liderou uma campanha contra a exportação de material de guerra. Oficialmente a Suíça não vende armas a países que violam os direitos humanos.

Além disso, ainda há o problema da falta de transparência. A lista de países para os quais a Suíça exporta é conhecida, mas os detalhes dos contratos são mantidos sob sigilo. A GSsA questiona o fato de os contribuintes estarem financiando indiretamente uma parte da indústria suíça de exportação de armas, já que a RUAG é de propriedade do Estado suíço.

Othmar Wyss, na época vice chefe de Relações Bilaterais no Seco (Secretaria de Estado para Economia), deu o contra-argumento. Para ele, os cidadãos não financiam o comércio de armamento, pois a RUAG dá lucro... Em 2016, a empresa pagou à Confederação ainda mais dividendos (47 milhões de francos) do que no ano fiscal

anterior (21 milhões de francos). A campanha lançada há dez anos pela coalizão contra a exportação de material de guerra não modificou, naquela época, a política da RUAG.

Fabricantes suíços irritados

A indústria suíça de exportação reclama das barreiras impostas à exportação. Aproximadamente 411,9 milhões de francos em 2016, 446 em 2015 e 568 em 2014: as exportações das armas suíças estão em baixa. A causa seria a política cada vez mais rígida da Suíça e os procedimentos de autorização que se tornaram mais complicados? Em uma carta endereçada recentemente ao Conselho de Estados (Senado), o Grupo Francófono pelo Material de Defesa e Segurança assim como a Swiss ASD (seção da Federação de Indústrias de Máquinas, Elétricas e Metalúrgicas - Swissmem - que agrupa os produtores de material de defesa e segurança) reclamaram veementemente.

Essas duas organizações desejam que as Comissões de política de segurança das duas Câmeras tratem do problema com rapidez. Até então, não obtiveram uma resposta.

No Conselho Nacional (Câmara dos Deputados), o deputado-federal Roger Golay (Movimento de Cidadãos Genebrinos) também transmitiu essas preocupações através da apresentação de um postulado, cuja resposta do governo ainda não foi dada. "Eu peço que o Conselho Federal elabore um breve relatório comparativo entre as nossas práticas de exportação de armas e as da União Europeia", diz.

"É claro que a União Europeia tem um código de procedimento, mas cada país tem a sua própria prática. Tenho impressão que a França ou a Alemanha estão principalmente preocupadas em vender o seu material de guerra. Nós vemos isso com o avião Dassault Rafale e outros equipamentos vendidos ao Catar". O genebrino ainda acrescenta: "Mais especificadamente, a legislação suíça relativa aos componentes de uso duplo - civil e militar - se tornou muito mais rígida. Ela sufoca o savoir-faire nesse setor, sob o risco até de fazê-lo desaparecer completamente."

Roger Golay admite que a Suíça é neutra e que não devemos entregar o material a países em guerra, mas estima que não é necessário ser mais papista que o Papa. "Penso em particular nas pistolas, cuja venda foi proibida por nós à Guarda Real da Arábia Saudita", comenta. "A consequência é uma deslocalização das nossas empresas com a perda de savoir-faire. Eu não sou o único a me preocupar. Meu postulado recebeu assinaturas de outros deputados federais do Partido do Povo Suíço (SVP), do Partido Liberal, mas também do Partido Democrata-Cristão."

Pierre-André Sieber

A fábrica deverá ser construída em 2018

A RUAG ressalta que a fábrica de munições no Brasil ainda se encontra na fase de projeto. O grupo não confirma nem o calendário de construção ou o montante que será investido. Porém, em 15 de dezembro do ano passado, a RUAG Industria e Comércio de Munições Ltda - a filial brasileira do grupo suíço - recebeu a autorização do governo brasileiro e assinou uma carta de intenções com o objetivo de construir em 2018 uma unidade de produção de munição nesse país.

"Até agora, vários cenários foram examinados e, nessa base, será decidido se, como e quando a RUAG implementará seus planos", escreveu a assessoria de comunicação. Os números sobre os volumes de investimento, prazos, dimensões e local de produção não podem ainda ser publicados. A empresa suíça ainda afirma que aplica, no projeto, tolerância zero com relação à corrupção, assim como os padrões elevados de conformidade social.

Em caso de problemas, a filial brasileira RUAG responderia às leis do país anfitrião? Ou ela também seria responsabilizada frente à justiça suíça? A instalação de uma unidade fora da Suíça "significa cumprir as leis do país, seja sobre o meio ambiente, segurança

no local de trabalho ou responsabilidade civil", diz a RUAG. "Os regulamentos internos do grupo também são válidos no exterior". A munição fabricada no Brasil pode ser vendida fora desse país?

"Também no exterior, a RUAG adere estritamente à legislação suíça sobre material de guerra", responde a assessoria de comunicação. "Em termos concretos, isso significa que, se alguma munição produzida no Brasil fosse exportada, a RUAG só as entregaria a países para os quais a Suíça permite a exportação de equipamentos militares ou de defesa".

Fonte: Defesanet

Data da publicação: 14 de janeiro

Link: <http://www.defesanet.com.br/bid/noticia/28165/Balas-suicas-para-o-Brasil/>

Reforma dos T-54/T-55 vietnamitas exclui troca do canhão

Por Roberto Lopes

Especial para o Forças Terrestres

O portal de notícias vietnamita Soha informou, nesta quarta-feira (10.01), que o programa de atualização de tanques T-54/55 do Exército Popular do Vietnã, desenvolvido em uma instalação industrial do Departamento Geral de Engenharia (Z153), foi concluído, e já pode ter entrado na fase de implantação em larga escala.

De acordo com o site americano globalsecurity.org, a Força Terrestre do Vietnã dispõe de 850 MBTs T-54/T-55, fabricados entre as décadas de 1970 e 1980, que ainda conformam a espinha dorsal da corporação.

O texto do portal afirma que a recente encomenda feita pelo governo de Hanói à indústria russa, do tanque principal de batalha T-90S, contemplou apenas uma

quantidade muito pequena da nova viatura – insuficiente para permitir a aposentadoria dos velhos modelos T, ícones da Guerra Fria.

Há cerca de 20 anos os militares vietnamitas experimentaram modernizar alguns exemplares do T-54, elevando-os a um patamar denominado T-54M3.

O pacote de revitalização incluía mira telescópica moderna, sensores meteorológicos e canal de visão por infravermelho, além de blindagem tipo composite e placas de proteção reativa em torno da torre do carro – e, claro, um novo canhão, mais moderno que a arma de 100 mm do projeto original do T-54/T-55.

Custo – Com a ajuda de especialistas israelenses, os blindados tiveram sua peça D-10T2S, de 100 mm (projetada para os velhos tanques), substituída por uma outra de fabricação americana, tipo M-68, de 105 mm.

O poder da arma de 100 mm ficava aquém daquilo que a tropa blindada demandava, e o M-68 construíra boa reputação como equipamento-padrão das primeiras versões do M-1 Abrams americano e do Merkava israelense.

Mas não deu certo.

O custo de aquisição e instalação do M-68 inviabilizava, do ponto de vista econômico, toda a remodelação dos tanques de origem russa.

Assim, o programa T-54M3 “evoluiu” para uma nova configuração, que mantinha o D-10T2S de 100 mm, mas adicionava componentes que evitavam a deformação da blindagem e prejuízos aos equipamentos eletrônicos produzidos pela onda de calor após o disparo do canhão.

A manutenção dos modelos T-54/T-55 tem se revelado um problema em várias partes do mundo.

Em 2015 a indústria privada peruana chegou a apresentar uma proposta ao Exército de seu país, que há anos busca um caminho para a modernização de mais de 200 desses blindados. Um protótipo do novo carro chegou a ser montado para ser submetido a testes (já realizados), mas a implementação da proposta aguarda, até hoje, aprovação.

Fonte: Forças Terrestres

Data da publicação: 12 de janeiro

Link: <http://www.forte.jor.br/2018/01/12/reforma-dos-t-54-t-55-vietnamitas-exclui-troca-do-canhao/>

* Não mencionado o autor no texto.